

DIRETOR: ANA CRISTINA GIL
 EDITOR: ADOLFO FIALHO
 EQUIPA EDITORIAL: ANA DIOGO,
 LEONOR SAMPAIO DA SILVA,
 MAGDA CARVALHO,
 MARIA DA LUZ CORREIA,
 SUZANA CALDEIRA

AGORA

JORNAL
 DA FACULDADE
 DE CIÊNCIAS SOCIAIS
 E HUMANAS
 DA UNIVERSIDADE
 DOS AÇORES

JANEIRO DE 2019 • Nº 14

Página Facebook: https://www.facebook.com/Agora-1851778665043178/?ref=aymt_homepage_panel | Email: agora.fcsh@gmail.com

Nota de abertura

Um brinde ao AGORA.

Ainda em “modo de Natal”, no rescaldo de um ano recheado de desafios e projetos, o *Agora* convida-nos a uma última viagem pelas iniciativas da FCSH, já em contagem decrescente para a sua entrada em 2019.

E porque estamos em tempo de retrospectivas, a *conversa escrita* deste mês partilha alguns fragmentos de conversas escritas anteriores, que marcaram o primeiro ano de vida deste suplemento jornalístico. A rubrica *Agora* dá notícia de um animado jantar, de cariz solidário, que juntou estudantes, docentes e colaboradores da UAc, e a rubrica *Ágora* convida-nos a um novo olhar para a Filosofia a partir das perguntas das crianças.

Em *Agora é hora* a FCSH celebra o Natal à volta da mesma mesa e Fátima Vieira, funcionária da UAc, enfeita-o com o brilho desta época em *Agora deu-me para isso*. Em *Agora é moda* apresentamos notícias de todas as cores, à medida da imaginação e inteligência de cada um e em *Alumni* partilhamos o sentimento de pertença à UAc da Eurodeputada Sofia Ribeiro.

ADOLFO FIALHO (Docente da FCSH)

Ágora

A Filosofia para Crianças salva a Filosofia?

A partir do trabalho desenvolvido por Matthew Lipman e Ann Sharp nas últimas décadas do século XX, a Filosofia para Crianças (FpC) passou de um programa curricular a uma área filosófica reconhecida. Lipman e Sharp fundaram o Institute for the Advancement of Philosophy for Children, na Montclair State University, New York, e desenvolveram um programa educativo (um currículo) com respetivo suporte teórico.

Hoje a FpC é uma rede complexa de discursos, fundados em diferentes pressupostos e conceitos filosóficos, que (re) pensam conceitos essenciais como a infância, a educação, a escola, a racionalidade, as emoções, o poder, a linguagem... Estes discursos complementam-se (num diálogo colaborativo) com práticas educativas diferenciadas.

Assim, quando já se tinha afirmado como um saber reputado e maduro, com vinte séculos de tradição, a Filosofia foi invadida pelo questionamento infantil. Quando uma criança faz uma pergunta sobre o sentido das



DIREITOS RESERVADOS

A FpC é a Filosofia a fazer-se e a refazer-se, a pensar-se e a repensar-se, explica Magda Carvalho.

suas experiências e essa pergunta é acolhida e fomentada em comunidade de investigação filosófica (modelo filosófico-educativo da FpC), é todo o património filosófico da humanidade que se revitaliza.

A Filosofia que se pratica com as crianças é, acima de tudo, a

reconstrução permanente do pensamento filosófico: por um lado, em cada sessão anima-se o pensamento dos membros da comunidade porque se parte das suas próprias questões e interesses. Por outro lado, trata-se de uma reatualização também de todos os pensadores,

perspetivas, conceitos e teorias da tradição, que são convocados para aquela sessão a partir do rumo que o diálogo assume. A história da Filosofia torna-se, então, um património de ideias ao dispor e não um corpo etéreo de ideias desligadas da realidade concreta de quem a pensa.

É, assim, possível desenvolver atividades com pessoas de diferentes idades e serem as mesmas de natureza filosófica, sem por em causa a integridade da Filosofia. Aliás, hoje a FpC é uma parte ativa da Filosofia porque questiona, repensa, reatualiza a própria Filosofia. É a Filosofia a fazer-se e a refazer-se, a pensar-se e a repensar-se.

Saberá a Filosofia reencontrar, na irreverência que a tem marcado ao longo de tantos momentos da sua história, pontos em comum com uma infância que a quer revitalizar? Serão as crianças que irão devolver à Filosofia a relevância para o mundo atual que ela parece ter perdido nas últimas décadas?

MAGDA CARVALHO (Docente da FCSH)

Agora deu-me para isso
 Fátima Vieira, funcionária da UAc, partilha a sua paixão pela quadra de Natal página 2

Alumni
 Sofia Ribeiro enaltece a sua (trans)formação na Universidade dos Açores página 2

Agora é moda
 Prepare-se para uma alucinante viagem ao mundo colorido das *Fake News* página 3

Agora

Jantar solidário de Natal da UAc

No passado dia 17 de dezembro teve lugar o jantar de Natal da Universidade dos Açores, cuja receita reverteu a favor dos estudantes com Necessidades Educativas Especiais desta academia. O convívio foi animado por um coro constituído por estudantes da FCSH, do Curso de Educação Básica, membros da Academia Sénior da UAc e o grupo “Os três pancadas”, dirigidos pela Maestrina Rita Andrade. A noite foi também animada por uma sessão de bingo,



ANDRÉ MENDONÇA

patrocinada pelo Grupo Bensaúde, pelo restaurante Paladares da Quinta e pelo clube Santa Clara.

Esta foi mais uma ocasião para estreitar os laços entre estudantes, docentes e funcionários da UAc, bem como com as famílias e amigos destes que marcaram presença no hall da Aula Magna.

ANA CRISTINA GIL (Presidente da FCSH)

Agora deu-me para isso

A loucura do Natal

Fátima Vieira é funcionária da UAc desde março de 1993. Apoiar a organização de eventos, como assistente técnica, no âmbito do Gabinete de Relações Públicas e Comunicação

As fitas, as bolas, as luzes, as flores, a árvore... Todo este reboiço, ao qual eu gosto de chamar de “a minha loucura”, começa a 1 de novembro. São caixas e caixas de enfeites. A casa fica um caos e é preciso retirar e arrumar parte dos objetos do dia a dia para dar lugar aos enfeites de Natal. É uma azáfama durante todo o mês... Sim, porque no dia 8 de dezembro tem de estar tudo pronto... É nesse dia que se “inauguram” as luzes, que ficam até ao Dia dos Reis. Embora hoje em dia se encontrem, com facilidade, uma oferta

enorme de decorações esteticamente belas, desde árvores e figuras decorativas aos arranjos florais, cá em casa a decoração é como o era na minha infância. Não em quantidade, porque naquela altura tínhamos muito pouco, mas na forma de decorar. Lembro-me bem das fitas feitas com pratinhas de chocolates e das cascas das nozes também revestidas, que se penduravam por toda a casa, das folhas secas pintadas com pamponilha. Era tão pouco, mas para mim tão lindo. Hoje são muitas fitas e bolas de natal (nas portas, nas paredes, nas janelas, até nos lustres), arranjos florais (que eu, mesmo sem muita habilidade, faço), vários, em todas as divisões, muitas luzes que, como não podia deixar de ser, enfeitam a porta e as janelas da rua, muita cor e brilho. E claro, o presépio e a árvore de Natal, desde há uns anos artificial, mas compensa-se com uns galhos de cedro espalhados pela casa para



“Cá em casa a decoração é como o era na minha infância”, partilha Fátima Vieira.

“cheirar a Natal”. Ah! E os meus Pais Natais, uma das minhas grandes paixões, de diversos materiais, pequenos, mini, são tantos que já perdi a conta. Tenho especial predileção pelos que produzem som. Nem imaginam como o espírito natalício se propaga por toda a casa quando,

ao mínimo ruído mais alto, eles começam a “tocar e a cantar”, ao mesmo tempo, numa mistura de instrumentos e estilos musicais.

É esta amálgama que eu adoro, que me enche a alma. Todos os anos compro mais uma “coisinha” e o meu marido pergunta-

me (sempre) “- Onde é que vais colocar mais isso?”, ao que respondo “- Não te preocupes, quando chegar a casa logo vejo”. Sim, porque há sempre um cantinho a presisar de mais um enfeite!

FÁTIMA VIEIRA (funcionária da UAc)

Núcleo de Estudantes de Estudos Euro-Atlânticos organizou I Jornadas Europa-América

A 16 de novembro ocorreu a primeira edição das *Jornadas Europa-América* que reuniu um conjunto de especialistas académicos e figuras políticas que permitiu debater a importância dos Açores como elo de ligação entre duas realidades aparentemente equidistantes: a União Europeia e os Estados Unidos. No período da manhã, os alunos de licenciatura e mestrado tiveram oportunidade de assistir a uma mesa-redonda, onde intervieram Onésimo Teotónio de Almeida (professor catedrático do Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros da Brown University), Jason Chue (cônsul dos Estados Unidos em Ponta Delgada) e Sofia Ribeiro (eurodeputada do PSD e também sócia-honorária do núcleo de estudantes), moderados pelo presidente do núcleo, Pedro Cordeiro Ponte. À tarde, foi possível assistir a duas aulas abertas, sendo a primeira ministrada por Nélia-Alves Guimarães (ex-presidente da Casa dos

Açores da Nova Inglaterra) sobre a dinamização destas instituições na atualidade e, por fim, de outra lecionada por Paulo Nascimento Cabral (assessor para os assuntos dos Açores no Parlamento Europeu e, igualmente, sócio-honorário do núcleo), sobre a explicitação dos fundos comunitários e as perspetivas futuras para os Açores.

PEDRO CORDEIRO PONTE
(Presidente do NEEA/UAc)



O papel e o lugar dos Açores em debate na UAc

Alumni Universidade é a confirmação do Ser

A entrada na Universidade transforma, regra geral, a vida de uma pessoa. O meu caso não foi exceção. É o momento que decisivamente marca a responsabilidade pelas nossas escolhas. A escolha por um percurso superior; a escolha por um curso específico, que vai definir todo o resto da nossa vida. Está em causa não apenas o mero sucesso académico, que obviamente vai condicionar a nossa futura vida profissional (especialmente para quem, como eu, enveredou pelo ensino, cujas colocações dependem directa e substancialmente da classificação académica), mas a confirmação de que a nossa opção foi ou não acertada. Ter sucesso académico é, assim, uma questão de brio, fortemente marcado por esta característica intimista que é a confirmação do nosso ser. Num mundo todo ele novo, em que transitamos para a vida de jovens adultos, explorei não apenas a vida da literacia matemática

e pedagógica, como também a vida social que lhe está associada, com um q.b. de boémia próprio de quem aprecia viver a vida. Ingressei no Chumba-Perde, primeiro grupo musical académico da Universidade dos Açores, que se dedicava à música popular portuguesa, onde tocava cavaquinho e cantava, e com um grupo extraordinário de colegas de vários pontos do país e das ilhas da minha Região partilhei momentos únicos, numa camaradagem sublimada pela música, que persiste até hoje, sem longe nem distância. Fui praxada, praxei, queimei fitas, participei na organização e nos cursos académicos sempre marcados por uma crítica social ou académica. Fui a representante do meu curso, Matemática, durante vários anos, no Conselho de Departamento e, inclusivamente, no Conselho Geral e organizei eventos, jantares e a viagem de curso, numa participação activa que contribuiu para a



Sofia Ribeiro é licenciada em Matemática, via ensino, pela UAc.

promoção do sentimento de pertença. Entrei na Universidade dos Açores menina, saí mulher. Mulher que enfrentou desafios, decepções, perdas e vitórias. Mulher marcada por sentimentos antagónicos de receio e confiança. Receio pelo futuro no resultado do trabalho, confiança resultante do saber gerado em cinco anos únicos e decisivamente marcantes do meu ser.

SOFIA RIBEIRO (antiga aluna da UAc)

Agora... o primeiro ano do Agora

E porque a quadra é de retrospectiva, mesmo em cima de 2019, o *Agora* pôs a memória a trabalhar e quis conversar de novo, partilhando fragmentos das conversas escritas publicadas desde o número zero do projeto editorial da FCSH-UAç, impresso há pouco mais de um ano, no fim de outubro de 2017

Num mundo dominado pelo economicismo, importa garantir que a dimensão humana e os valores sociais são devidamente considerados na tomada de decisões individuais e coletivas. Uma missão difícil nos tempos que correm, mas fundamental para bem dos tempos que aí vêm.

JOÃO LUÍS GASPÀR

Reitor da UAç

Foram 30 anos na Universidade dos Açores e 20 em universidades dos Estados Unidos. Destacaria a importância das experiências de intercâmbio, pois eu própria, ainda nos EUA, tive a oportunidade de fazer o Curso de Verão na Universidade de Coimbra. Tinha 21 anos, e foi aí que comecei a (re)descobrir Portugal e os Açores.

ROSA SIMAS

Professora Auxiliar da UAç

Nos últimos quatro anos, as mobilidades incoming de estudantes estrangeiros aumentaram 135%. A UAç recebeu em média 142 estudantes (não inclui estudantes estrangeiros a tempo inteiro). Os estudantes vieram de 26 países, sobretudo de Espanha, Itália, Polónia, República Checa, Roménia, Turquia e EUA. Esta diversidade multicultural traz aos campi várias tonalidades culturais, outras sonoridades linguísticas e muitas bicicletas.

SUSANA MIRA LEAL

Pró-Reitora para as Relações Externas e Extensão Cultural

Desde que desempenho estas funções já recebi cerca de 80 processos, onde se incluem queixas, pedidos de apoio e de informação. (...) as queixas repartem-se por vários tipos: pedagógico (ex.: disciplinas, programas); académico-adminis-



Isabel Estrela Rego



Ermeindo Peixoto



Ana Cristina Gil



João Luís Gaspar



Filipa Raposo

Conversa Escrita



Rosa Simas



Susana Mira Leal



Alberto Pena



Gilberta Rocha



Walter Kohan

trativo (ex.: matrículas, procedimentos, comprovativos); e outro (por exemplo, problemas com professores, coleções ou outras pessoas da comunidade académica).

ISABEL ESTRELA REGO

Provedora do Estudante da UAç

(...) o estudo do Homem e da Sociedade, da sua História, da sua evolução, e das suas criações intelectuais e artísticas será sempre importante para compreendermos o nosso lugar no mundo e para termos uma palavra a dizer na construção do nosso futuro.

ANA CRISTINA GIL

Presidente da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UAç

Pouco a pouco, fui orientando a minha pesquisa para a propaganda porque achei que era um fenómeno comunicativo de grande relevância. Quis estudar

qual era o papel político, social e cultural da propaganda em determinados contextos históricos (...) houve campanhas de propaganda que mudaram o rumo da história.

ALBERTO PENA RODRÍGUEZ

Professor da Universidade de Vigo

Estou a realizar o estágio numa start-up do Nonagon, a UrActive. Estou responsável por toda a parte do marketing, realizo estudos de mercado, gestão das redes sociais, newsletters, entre outras coisas, e tem sido uma experiência fantástica. (...) para quem sai da universidade é um grande desafio e com grandes responsabilidades.

FILIPA RAPOSO

Finalista da Licenciatura de Relações Públicas e Comunicação

Numa altura em que os estudantes se constituíram em re-

tos de resistência aos poderes instituídos, lutando por causas sociais e políticas que colocavam a universidade no centro das grandes contradições existentes à época. E essa luta só depois aconteceu em Portugal, porque aqui a universidade demorou a desempenhar papel relevante na reprodução da sociedade e na transformação das dinâmicas sociais.

ERMEINDO PEIXOTO

Professor Catedrático da UAç

A confusão de que a democracia é todos terem opiniões igualmente válidas sobre todos os assuntos. Não é verdade, não sabemos todos o mesmo, ninguém sabe sobre todos os assuntos do mesmo modo e a mesma profundidade... A comunicação social, a tradicional, nas mãos dos grandes interesses económicos e financeiros, incentiva esta perspe-

tiva e, naturalmente, a das redes sociais.

GILBERTA ROCHA

Professora Catedrática da UAç

Na infância e na filosofia, temos uma grande intimidade com o mundo e com o pensamento e falamos uma língua estrangeira à língua que falam os adultos e os outros saberes. (...) Num sentido, a filosofia não se ensina. Ela não nos interessa como um conteúdo a ser transmitido. É uma relação com os saberes, os pensamentos, as pessoas, o mundo, a vida... que procuramos viver e às vezes os mais pequenos nos ensinam coisas que não sabemos ou, se sabíamos, esquecemos.

WALTER OMAR KOHAN

Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

MARIA DA LUZ CORREIA (Docente da FCSH)

Agora é moda

Fake News

ILUSTRAÇÃO DE CARLA MEDEIROS (ANTIGA ALUNA DO MESTRADO EM PRÉ-PROFISSIONAL DA FCSH)



“Chamemos-lhe imprensa cor de burro parado em frente ao computador”.

Depois das imprensas rosa, verde, vermelha e amarela (ou marrom, como se diz no Brasil), eis que nos chega um novo tipo de notícia para colorir ainda mais o já policromático universo jornalístico - a *fake news*. Nenhum vocábulo em português consegue aliar os sentidos de falsificação e dissimulação patentes no adjetivo *fake*. Esta notícia não é apenas falsa - ela é intencionalmente enganosa, deliberadamente inventada e encenada de modo a disseminar boatos, fazer sátira social, influenciar comportamentos e promover teorias da conspiração. Por vezes, gera reações de ódio; mas, para os menos crédulos, instaura um ambiente de incerteza que poderá desembocar em leituras céticas em relação a casos reais. Chamemos-lhe imprensa cor de burro parado em frente ao computador.

Posto isto, vou, imbuída da maior seriedade, falar-vos de uma notícia que me deixou profundamente abalada. Dados recentes divulgados pelo Observatório Mundial da Saúde Restabelecida concluem que é imperioso encurtar o tempo que todos os profissionais passam a trabalhar. O relatório indica que está em causa a saúde pública, e mostra percentagens relativas ao número de viroses contraídas em ambiente laboral, de cânceros causados por refeições transportadas em recipientes de plástico e alumínio, por falta de tempo para confeção caseira, de perturbações nervosas causadas pelo ruído inoportuno do despertador. A estas malditas o estudo apresenta ainda casos de restabelecimento lento a muitíssimo lento, gerados por insuficientes dias de fim de semana, e o aumento de

poluição resultante das deslocações para o emprego e do abate de corte de árvores para impressões em papel que ninguém lê. Na sociedade do futuro - diz-se - os robôs farão todo o trabalho por nós e, quem não se preparar para a Nova Era do Desemprego Feliz, corre o risco de não se adaptar aos tempos vindouros, contraíndo inúmeras doenças de tipologia e terapêutica desconhecidas. O Pai Natal já confirmou estes dados e ameaçou fazer greve no próximo ano, caso não lhe seja reconhecido o direito a usufruir de férias durante a época natalícia de 2019, como a qualquer trabalhador que exerce, de forma responsável, as suas funções. Nada disto é falso, mas tem uma cor estranha, não tem?

LEONOR SAMPAIO DA SILVA (Docente da FCSH)

Agora é hora

O Natal na FCSH

A Faculdade de Ciências Sociais e Humanas escolheu o passado dia 1 de dezembro para realizar o seu já habitual jantar de Natal, que juntou docentes e funcionários, num restaurante de Ponta Delgada. Neste acolhedor e animado serão, fez-se uma retrospectiva de mais um ano de vida da FCSH

e brindou-se aos novos desafios e projetos que o novo ano lhe reserva.

A Faculdade de Ciências Sociais e Humanas deseja a toda a comunidade umas Boas Festas e um 2019 repleto de sucessos!

ADOLFO FIALHO (Docente da FCSH)



A FCSH celebrou o Natal com um jantar que juntou docentes e funcionários.

Agora Eu

A desafiar 2019...

Nada como um desafio para se começar bem o ano. Portanto, queridos leitores, arremecem as mangas para virarmos juntos 2018 com propostas memoráveis.

Primeiro proponho a revolta contra os presentes de Natal! Em 2019 chegaremos à consoada apenas com comida nas mãos. Se nos perguntarem o que trouxemos para pôr no sapatinho, responderemos: “A minha cara!” Garanto que desarma qualquer um.

Vamos pôr as crianças no poder e passar os dias a brincar e a aprender. Usaremos os robôs para os trabalhos pesados e os mais novos para as grandes decisões. Os mais velhos serão árbitros e conselheiros. Pratiquemos tiro ao alvo a toda a publicidade que prometer juventude, boa forma física e beleza num piscar de olhos. Vamos preferir o piscar de olhos e marimbar-nos para as rugas. Regressemos à natureza para adotar uma árvore, uma nu-

DIREITOS RESERVADOS



vem, um metro cúbico de mar. Talvez assim cheguemos a 2020 mais felizes.

BOSQUE HÚMIDO
(Vencedora do desafio do mês de novembro)